



**José Godoy**

é escritor, autor de *As dicas do sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

## A arte de rememorar

**P**rezados leitores de Legado. Devo lhes fazer uma advertência. Na verdade, uma confissão. Este texto que seus olhos correm não deveria ser o texto que seus olhos correm. Confuso? Explico. Trata-se de uma segunda opção. Melhor ou pior do que a primeira, não sei. Apenas outro texto, que me cabe aqui explicar.

A idéia original era escrever sobre Tom Stoppard e Harold Pinter, dois dos maiores dramaturgos vivos da atualidade. Escrevi o texto, e a poucos dias de entregá-lo sai em viagem. Caxias que sou, deixei-o praticamente pronto com vários dias de antecedência, apenas aguardando uma última e quase indolor revisão (cabotino, incluo a frase como um recado a meus editores). E assim segui para o aeroporto, donde começa uma nova história, quicá – e bato por vezes na madeira – esta coluna.

O conhecido taxista, após o roteiro básico de assuntos introdutórios – clima, trânsito, escândalos políticos –, numa repentina conexão mental, passa a me contar sobre sua infância nas várzeas do Rio Tietê. O mesmo rio estancado nos dias de hoje em seu fluxo pesado de dejetos, e sua versão de asfalto, gêmea em sua imobilidade, onde a população da cidade se desloca dentro de suas

lustrosas carcaças de ferro, vagarosas como se seguissem o curso fluvial. Ele me conta do rio, mas, na verdade, quer falar da memória, de sua dificuldade em encontrar jovens interlocutores com quem dialogar. De ser ouvido, como gostava de ouvir os relatos dos homens mais velhos de sua infância.

Concordei com ele e, dentro do avião, diante da quase obrigatória contemplação do corte que o pássaro de bico duro realiza entre nuvens, passei a pensar nas conexões entre memória e relato, entre memória e narrativa.

Pensar que a literatura ocidental nasce do relato de uma viagem quase interminável é uma primeira pista. Quando Homero nos conta as aventuras de Odisseu tentando retornar para casa após o fim da guerra de Tróia, na Odisséia, recolhe a memória coletiva de sua civilização, espalhada em relatos orais, e a transforma num todo, que ganha coesão por sua extraordinária capacidade de narrar, de seqüenciar episódios de modo a revelar passagens já vividas.

O tempo da narrativa é o segredo de quem narra. A capacidade de trazer a seus contemporâneos o que sua memória – ou a memória alheia de que se apossa – retém,

**“Nossas memórias, a partir de certo ponto, não nos pertencem mais, e nos cabe pulverizá-las, misturá-las a este caldo grosso que conta a trajetória dos homens e da humanidade”**

transformando-a num campo de significados coletivos.

É no que penso já numa nova cidade, onde me preparo para deixar meus olhos novos. Liberto-os, soltos, prontos a ludibriar o fóssil de memória que insiste em procurar o reconhecível no lugar do inesperado. Em meio a essas primeiras impressões, leio com interesse, já a caminho do hotel, uma entrevista com o cientista Ivan Izquierdo sobre o que mais? A memória.

### **“Existem várias formas de memória”**

diz o pesquisador. “A de trabalho dura poucos segundos ou minutos. Por exemplo, a terceira palavra da minha frase anterior permaneceu apenas o suficiente para você entender o que veio antes e depois”, prossegue. A leitura me dá vontade de finalizar o texto de Legado. De voltar a pensar nas situações de nonsense de Pinter ou nas alegorias de Stoppard. Mas que texto? Constato em meio a cabos e conexões inúteis que meu laptop não se encontra onde deveria estar. Esqueci-o em São Paulo. Preciso pensar num novo texto. E não há vontade que me faça caçar mentalmente trechos espaçados do texto original que a memória recente tenha guardado, no intuito de reaproveitá-los. Não quero e, em verdade, não devo. Lembro-me de Jorge Luis Borges, de seu Pierre Menard, que toma como projeto de vida escrever Don Quixote. Não qualquer Quixote, é preciso que se diga. Não uma versão do mesmo, mas o Quixote original. Repetir-se é um paradoxo. Refazer o alheio, blasfêmia. É natural ao ser humano se sentir único.

A obra de Borges se escreve no ápice da tensão entre a memória, a erudição, as potências da ficção e os limites da linguagem. Mais do que uma premissa ou ponto de partida, esses limites vazam para o texto, permanecendo como provas materiais de sua tentativa, sabida de antemão como impossível, de alcançar a realidade. O projeto

de Borges, audacioso e obstinado, mais do que revelar os limites da linguagem, expõe nossa impossibilidade de apreender o real. A tessitura deste está a léguas de nossa sensibilidade. Ele nos escapa, está além e aquém de nossa mira, e a potência maior da ficção é sua capacidade de fixar em nosso campo material essa dificuldade.

Em “Funes, o Memorioso”, é a memória que instala esta impossibilidade. Explicita-a na capacidade extraordinária do personagem de reter a memória de todos os homens, assim como as sensações destes. Após uma queda, que o deixa paraplégico, Funes adquire essa capacidade. Aquilo que pensava uma única vez se fixava como memória, de modo que cada lugar lhe despertava não uma lembrança, mas a lembrança de todos os tempos deste lugar. Sua imobilidade física fazia do ato de rememorar a própria existência. Mas esse dom não é mais do que uma metáfora: sua limitação física equipara-se à da linguagem. Fisicamente era impossível contar, narrar tudo o que sua memória absorvera. Por fim, como observa o narrador, o excesso de memória impediria a reflexão em Funes. O que é dom vira sina.

Longe do talento de Borges, e da memória de Funes, sou conduzido prazerosamente pelas minhas lembranças enquanto produzo este texto. Minha capacidade de lembrar desperta minha capacidade de narrar. Se não participei das peripécias de Odisseu em sua longa viagem de retorno, como homem de meu tempo busco o desafio de me manter ligado ao que minha mente captou e guardou em suas caixas muito bem arquivadas. A história do taxista agora é minha. Que não desperte surpresa caso esta ressurgir num conto, ou numa conversa descontraída de final de semana. Nossas memórias, a partir de certo ponto, não nos pertencem mais, e nos cabe pulverizá-las, misturá-las a este caldo grosso que conta a trajetória dos homens e da humanidade. Assim como Homero, Borges, Menard, Funes e tantos outros já o fizeram. †